

EFEITOS DA CRISE ECONÔMICA NA SITUAÇÃO DO TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO EM SÃO PAULO

A atual crise econômica abalou fortemente as conquistas obtidas pelos trabalhadores entre 2004 e 2014, período em que houve elevação da ocupação, do salário mínimo e dos rendimentos do trabalho e, de um modo geral, o aumento da formalização nas relações de trabalho, entre outros.

A partir de 2015, a retração econômica reduziu o nível de ocupação e os rendimentos do trabalho de forma intensa e, ainda, diminuiu a oferta de empregos mais estáveis, que permitem ao trabalhador algum grau de proteção social. Ao mesmo tempo, aumentaram as formas de inserção mais precarizadas no mercado de trabalho.

Na Região Metropolitana de São Paulo, o comportamento do mercado de trabalho foi o mesmo do plano nacional, com contornos mais dramáticos na indústria de transformação e na construção civil, os dois setores mais atingidos no início desta crise, e de grande importância local na absorção de trabalhadores.

Esta 1ª edição do Boletim Trabalho e Construção – Região Metropolitana de São Paulo – apresenta informações sobre a absorção da força de trabalho, remunerações e formas de inserção ocupacional na Construção. A partir dos dados da PED detalhados para as três divisões que compõem o segmento – Construção e Incorporação de Edifícios, Obras de Infraestrutura e Serviços Especializados para a Construção - procura, especificamente, identificar as mudanças mais recentes nesse setor, acompanhando os desdobramentos da crise econômica no mercado de trabalho regional.

Acesse o conjunto de indicadores sobre a ocupação na Construção na Região Metropolitana de São Paulo e em outras regiões em:

<https://www.dieese.org.br/analisePED/ped.html>

Ocupação no setor da Construção diminui pelo segundo ano consecutivo

O prolongamento da crise na economia e no mercado de trabalho continuou, em 2016, castigou duramente o setor da Construção na Região Metropolitana de São Paulo. Na passagem de 2015 para 2016, houve redução de 63 mil pessoas ocupadas nesse setor (-9,2%), e nos últimos dois anos (2014 a 2016), de 122 mil (-16,5%) - Gráfico 1.

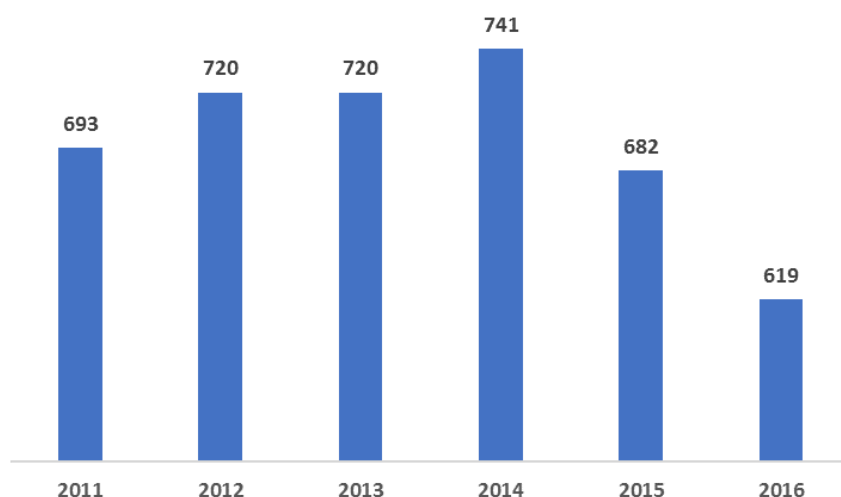
Em 2014, trabalhavam na Construção, na RM São Paulo, 741 mil pessoas. Em 2015, o número caiu para 682 mil e, em 2016, chegou a 619 mil, menor contingente desde 2011.

Isto é, o aumento da ocupação observado entre 2011 e 2014, na Construção, foi praticamente neutralizado com o resultado de 2015, com piora severa em 2016.

GRÁFICO 1

Estimativa do número de ocupados⁽¹⁾, no trabalho principal, no setor da Construção⁽²⁾
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

Em mil pessoas



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) População ocupada com 14 anos ou mais

(2) Seção F da CNAE 2.0 Domiciliar

Quando se compara o desempenho do setor da Construção com os demais setores é possível identificar que a redução de 9,2% no número de postos de trabalho só não foi pior que o da Indústria de Transformação (-10,5%). O setor de Serviços foi o que apresentou a menor redução (-1,4%), seguido pelo Comércio e Reparação de Veículos (-5,0%).

No total da Região Metropolitana, a redução no número de ocupados foi de -3,8%.

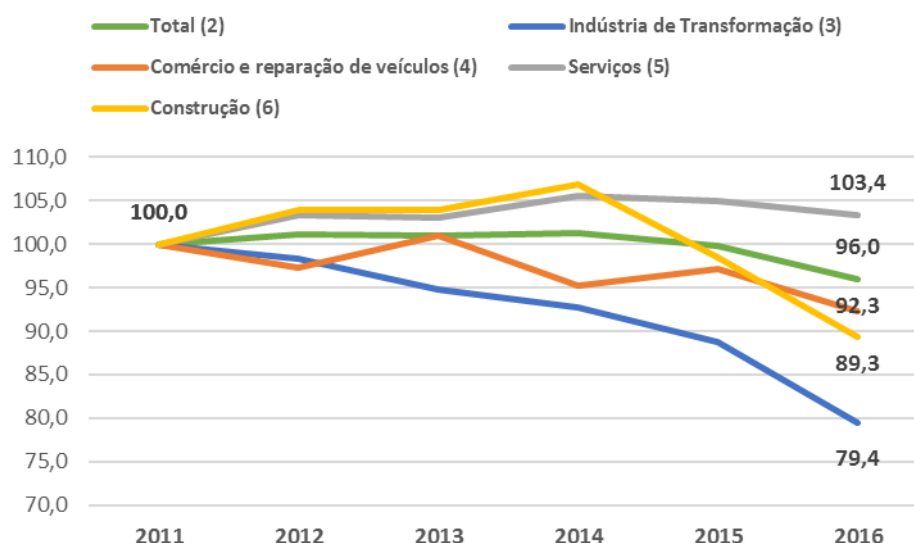
Quando se compara com 2014, ano de maior nível da ocupação na região, a

Construção foi o que mais reduziu o contingente de ocupados (-16,5%), seguido pela Indústria (-14,4%), Comércio (-3,0%) e Serviços (-2,0%).

Tomando 2011 como base de comparação, apenas o setor de Serviços continuou com resultados positivos no número de ocupados. Os demais segmentos apresentaram retração intensa no número de trabalhadores, com destaque para a indústria, que registrou 20,6% (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
Índice do nível de ocupação⁽¹⁾, no trabalho principal, por setores de atividade
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

2011 = 100



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) População ocupada com 14 anos ou mais

(2) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar

(3) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar

(4) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar

(5) Seções H a T da CNAE 2.0 domiciliar

(6) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar

Com isso, a proporção de trabalhadores que estava ocupada na Construção, na Região Metropolitana, recuou, em 2016, passando a equivaler a 6,7% do total (Gráfico 3). Em 2015, a proporção era de 7,1%, praticamente a mesma de 2011 (7,2%).

O setor de Serviços continuou o principal responsável pela ocupação de trabalhadores na região, com 59,5% em 2016, seguido pelo Comércio (17,6%) e pela Indústria (14,9%). Em números absolutos, havia 5,5 milhões de trabalhadores nos Serviços, 1,6 milhão no Comércio e 1,4 milhão na Indústria, além dos 619 mil na Construção, totalizando

9,2 milhões de ocupados na Região Metropolitana.

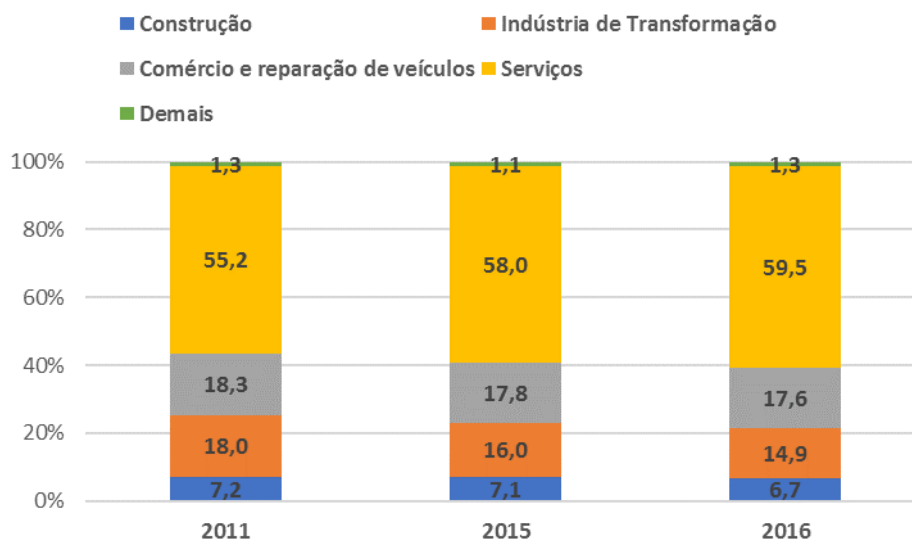
Importante ressaltar que o aumento da proporção de trabalhadores nos Serviços, na passagem de 2015 para 2016, se deve ao recuo mais intenso nos demais setores, uma vez que houve redução generalizada de postos de trabalho na RMSP.

Nota-se ainda contínua perda de participação do Comércio e da Indústria no conjunto de postos de trabalho na região. No caso da indústria, em 2011, o setor tinha 18,0% dos trabalhadores. Em 2016, o percentual caiu para os 14,9%.

GRÁFICO 3

Distribuição dos ocupados, no trabalho principal, por setor de atividade
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

A divisão Construção e Incorporação de Edifícios continua o principal segmento no setor

A divisão Construção e Incorporação de Edifícios é o segmento da Construção que mais ocupa trabalhadores. Em 2016, ocupava 65,1% (equivalente a 403 mil pessoas) do total, aumento de 1 ponto percentual em relação ao ano anterior (Tabela 1). Já a divisão Serviços Especializados para Construção reduziu a participação em 1 ponto percentual,

representando 31,5% dos ocupados (195 mil trabalhadores).

Observou-se, ainda, o comportamento na divisão Obras de Infraestrutura, de intensa redução na participação nos últimos anos. Em números absolutos, havia 49 mil ocupados nessa divisão em 2014, passando para 19 mil em 2015, último ano disponível.

TABELA 1

Distribuição dos ocupados no setor da construção, no trabalho principal, por divisões do setor Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção ⁽¹⁾	Divisões da Construção		
		Construção e Incorporação de Edifícios ⁽²⁾	Obras de Infra-Estrutura ⁽³⁾	Serviços Especializados para Construção ⁽⁴⁾
2011	100,0	64,2	4,3	31,6
2012	100,0	64,8	5,1	30,1
2013	100,0	67,2	5,0	27,8
2014	100,0	63,3	6,0	30,7
2015	100,0	64,1	3,4	32,5
2016	100,0	65,1	(5)	31,5

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar

(2) Divisão 41 da CNAE 2.0 domiciliar

(3) Divisão 42 da CNAE 2.0 domiciliar

(4) Divisão 43 da CNAE 2.0 domiciliar

(5) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Diminui ainda mais a proporção de trabalhadores em empregos protegidos e aumenta número dos que trabalham por conta própria

A proporção de trabalhadores em empregos protegidos na Construção – aqueles assalariados com carteira de trabalho assinada, do setor privado ou público, além de servidores públicos estatutários – diminuiu em 2016 (1,3 p.p.), passando a equivaler a 38,8% (Gráfico 4). Essa proporção é, inclusive, inferior à verificada em 2011.

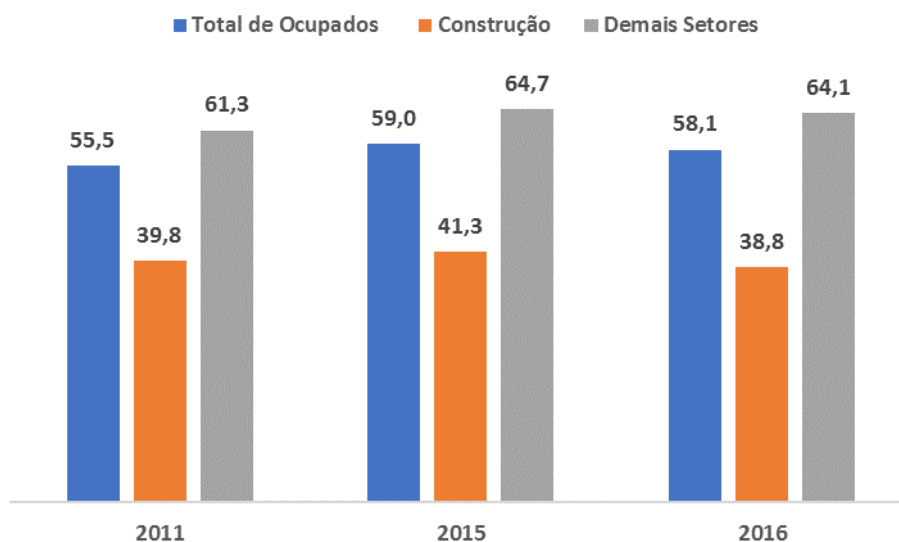
O resultado de 2016 mostra que o trabalhador da Construção permanece em situação bastante desfavorável, quando comparado com os que atuam nos demais setores de atividade econômica. Nos demais segmentos, 64,1% dos ocupados estavam em

empregos protegidos (recoo de 0,6 p.p. em relação a 2015). A média de todos os ocupados era 58,1% (redução de 0,9 p.p. na mesma comparação).

Nas divisões da Construção, com exceção de Obras de Infraestrutura, em que não foi possível desagregar a informação, o resultado na Construção e Incorporação de Edifícios ficou mais próximo da média do setor, com 38,1% dos ocupados, enquanto nos Serviços Especializados para Construção, a proporção de ocupados em empregos protegidos ficou em 34,6% (Tabela 2).

GRÁFICO 4
Proporção dos ocupados na construção e nos demais setores⁽¹⁾ inseridos por meio de
emprego protegido⁽²⁾
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Excluem os serviços domésticos

(2) Assalariados com carteira de trabalho assinada e servidores estatutários

TABELA 2
Proporção dos ocupados na construção inseridos em emprego protegido, por divisões do setor
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)

Períodos	Total no setor da Construção	Construção e Incorporação de Edifícios	Obras de Infra-Estrutura	Serviços Especializados para Construção
2011	39,8	42,2	73,9	30,2
2012	40,8	39,7	75,0	37,1
2013	39,5	39,5	78,3	32,7
2014	39,4	37,8	75,0	35,7
2015	41,3	40,6	(1)	38,4
2016	38,8	38,1	(1)	34,6

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Ao mesmo tempo, aumentou a proporção de trabalhadores inseridos na Construção como conta própria (Gráfico 5). Essa inserção, que abarcava 35,9% dos trabalhadores no setor, em 2011, passou para 40,4%, em 2015, e para 42,4%, em 2016.

Essas proporções representam mais que o dobro do observado nos demais setores de atividade, nos quais, apesar do pequeno aumento em 2016, em relação ao ano anterior, estavam só 13,3% dos trabalhadores. Na média da Região Metropolitana, o trabalhador por conta própria representava 14,3% de todos os ocupados do mercado de trabalho.

Como se sabe, a situação do

trabalhador por conta própria é muito mais precária que o assalariado com carteira assinada devido à impossibilidade de acesso aos direitos trabalhistas, além de ter remuneração mais instável.

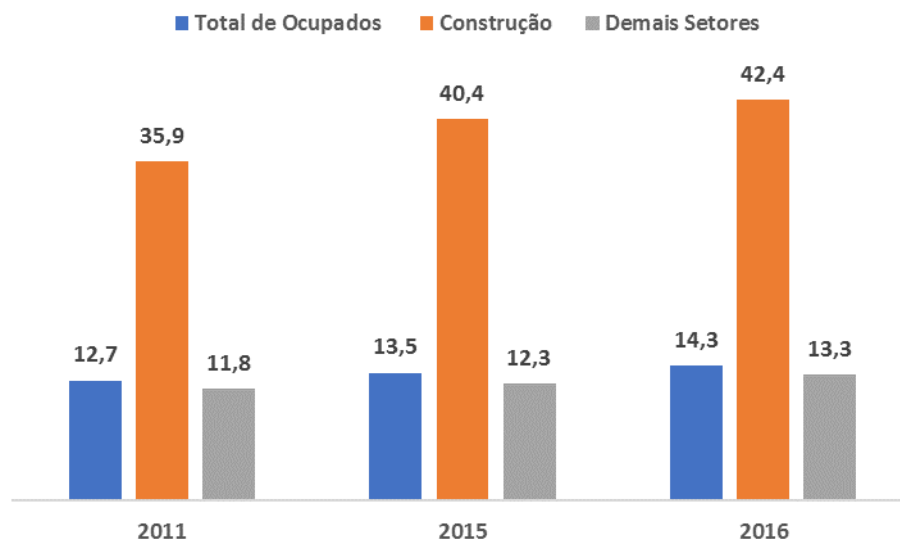
Na divisão Serviços Especializados para Construção a proporção de conta própria era um pouco superior à média do setor, com 44,9% dos ocupados, maior valor observado desde 2011 (Tabela 3).

Já na Construção e Incorporação de Edifícios essa parcela era de 43,2%, mas nota-se o contínuo crescimento dessa proporção desde 2011, resultando no aumento de 9,5 p.p. no período.

GRÁFICO 5

**Proporção dos ocupados na construção e nos demais setores inseridos por conta própria
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016**

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

TABELA 3

**Proporção dos ocupados na construção inseridos como conta própria, segundo divisões do setor
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016**

(em %)

Períodos	Total no setor da Construção	Construção e Incorporação de Edifícios	Obras de Infra- Estrutura	Serviços Especializados para Construção
2011	35,9	33,7	(1)	43,8
2012	36,8	36,4	(1)	41,9
2013	37,7	37,9	(1)	42,3
2014	39,1	40,0	(1)	42,6
2015	40,4	40,5	(1)	43,8
2016	42,4	43,2	(1)	44,9

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Volta a aumentar a proporção de trabalhadores que não contribuem para a Previdência Social

A proporção de trabalhadores que não contribuíam com a previdência na Construção, em 2016, aumentou em relação ao ano anterior, passando de 45,9% para 47,5%, ou seja, quase a metade dos ocupados no setor (Gráfico 6).

Importante destacar que esses trabalhadores não têm perspectivas de aposentadoria ou acesso aos demais direitos previdenciários, como auxílio-acidente, auxílio-doença, salário família, pensão por morte etc.

Esse percentual é quase o dobro do verificado nos demais setores da economia,

nos quais 24,0% dos trabalhadores não contribuíam com a previdência, ou seja, 1 em cada 4 trabalhadores.

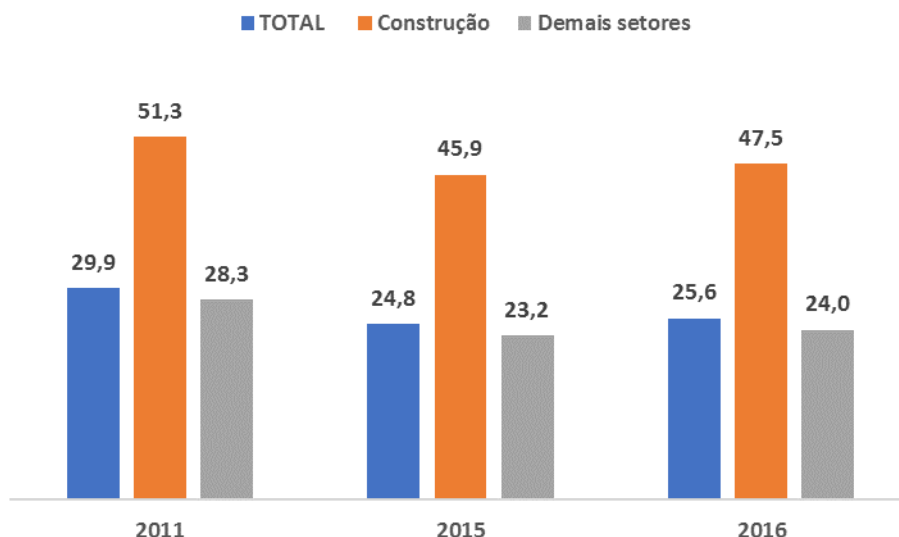
No conjunto dos trabalhadores da Região Metropolitana de São Paulo, 25,6% não contribuíam com a previdência em 2016, aumento de 0,8 p.p. em relação ao ano anterior.

Ainda que os resultados de 2016 estejam em patamar inferior ao observado em 2011, o fato de estarem em nível superior ao verificado em 2015 pode indicar tendência de crescimento nos próximos anos, diante da persistência da crise econômica.

GRÁFICO 6

Proporção de ocupados na construção e nos demais setores que não contribuíam para Previdência
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Rendimento no setor cai pelo segundo ano consecutivo

O rendimento médio real por hora na Construção apresentou queda de 5,9% em 2016, a mais intensa entre os setores de atividade econômica (Gráfico 7). Na média de todos os ocupados da Região Metropolitana, a redução foi de 4,9%.

O rendimento por hora na Construção (R\$ 11,10) ficou acima do observado no setor do Comércio (R\$ 8,90) e abaixo da Indústria (R\$ 12,39) e dos Serviços (R\$ 12,29).

No período 2011 a 2014, nota-se que o rendimento na Construção cresceu mais que nos outros setores, possibilitando, inclusive, que se aproximasse da média dos ocupados.

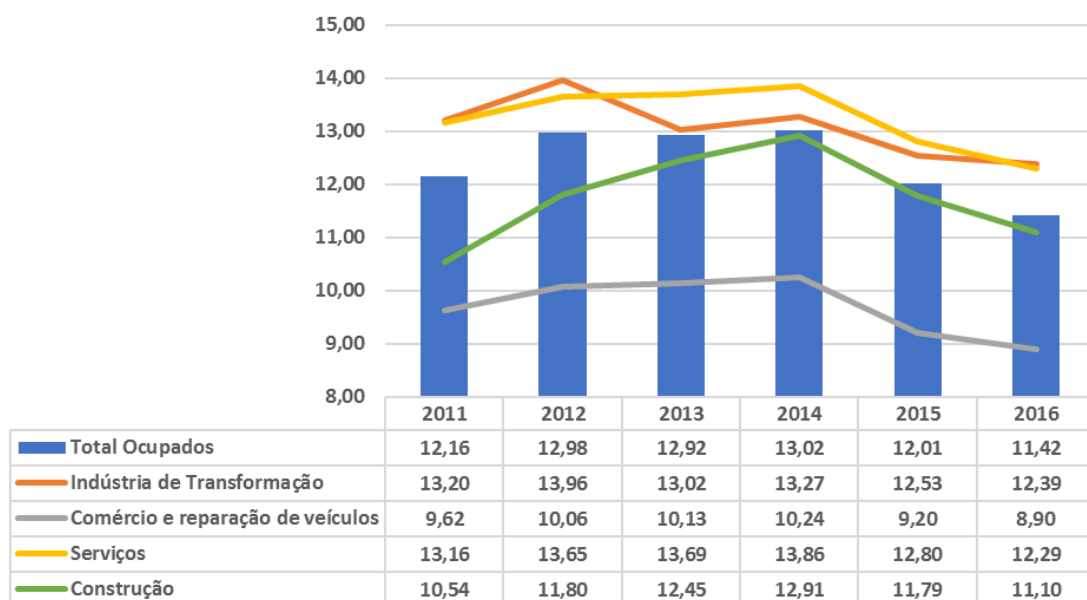
Em 2011, a renda na Construção era equivalente a 86,7% da média dos ocupados. Em 2014, passou a corresponder a 99,2%. Já em 2016, o rendimento na Construção era equivalente a 97,2% da média geral.

Entre 2014 e 2016, a Construção foi o setor que teve a maior redução no rendimento por hora (-14,0%, em termos reais), seguido pelo Comércio (-13,1%), depois pelos Serviços (-11,3%) e a Indústria (-6,6%). Na média dos ocupados, a redução no rendimento foi de 12,3% no período.

GRÁFICO 7

**Rendimento médio real por hora dos ocupados na construção e nos demais setores
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016**

Em reais de novembro de 2016



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Deflator: ICV-DIEESE/SP

Presenças masculina e de chefes de família continuam elevadas

A proporção de homens na Construção, em 2016, manteve-se elevada e praticamente no mesmo nível do no ano anterior. Os homens representavam 94,2% do total de ocupados no setor, enquanto as mulheres eram 5,8% (Tabela 4). Desde 2011, a maior proporção de homens foi observada em 2013, quando atingiu 95,7%.

Quando se observa a média geral da Região Metropolitana, os homens eram 53,9% do total de ocupados em 2016, enquanto as mulheres representavam 46,1%.

Já a proporção de chefes de família também é maior na Construção do que nos demais setores da economia (Gráfico 8).

Em 2016, os chefes de família eram 72,2% do total de ocupados na Construção. Houve pequena redução em relação a 2015 (73,0%). Esse resultado, na comparação anual, sugere que houve retração mais intensa do contingente de chefes de família do que dos demais membros.

Nos demais setores, os chefes de família eram menos da metade dos ocupados (46,6%), com pequena elevação em relação a 2015 (45,5%). Ou seja, nos demais setores, os dados sugerem que a redução da ocupação foi menos intensa para os chefes de família do que para os demais membros.

TABELA 4
Distribuição dos ocupados na construção, por sexo
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

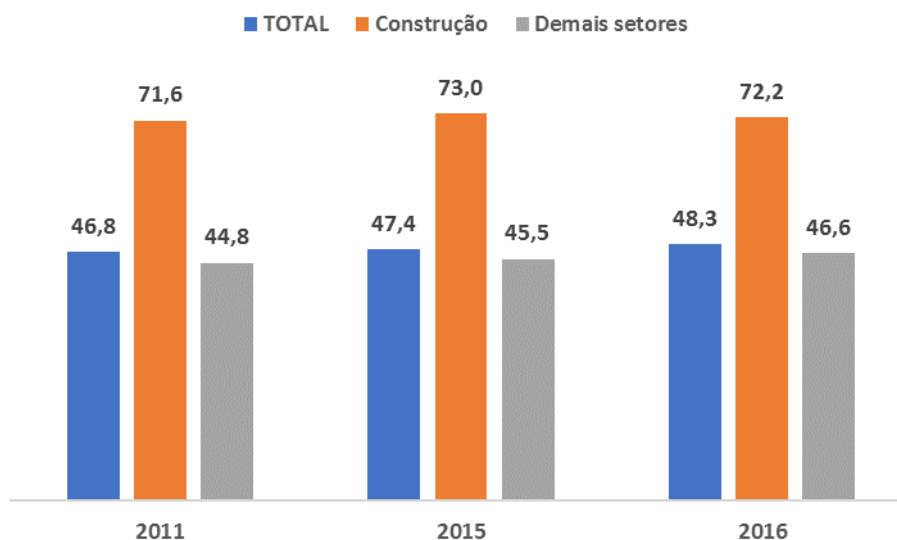
(em %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção	Sexo	
		Homens	Mulheres
2011	100,0	95,0	5,0
2012	100,0	94,9	5,1
2013	100,0	95,7	4,3
2014	100,0	94,9	5,1
2015	100,0	94,3	5,7
2016	100,0	94,2	5,8

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 8
Proporção de chefes de família entre os ocupados na construção e nos demais setores
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Escolaridade média dos trabalhadores no setor continua em elevação

No período de aumento da ocupação na Construção (2011-2014), a escolaridade média dos trabalhadores do setor se elevou, assim como a proporção daqueles com ensino fundamental, médio ou superior completo, em

contraposição à redução da proporção dos analfabetos e com ensino fundamental incompleto. O movimento era reflexo da melhora da escolaridade geral da população, observada em vários levantamentos.

Já no período de retração do setor (2015-2016), a elevação da escolaridade média sugere que houve redução mais intensa dos trabalhadores com nível mais baixo de escolaridade (Tabela 5). Assim, a proporção daqueles com ensino superior completo aumentou de forma ininterrupta desde 2011 (4,7%, em 2011, e 6,8%, em 2016).

O grupo com ensino médio completo tem crescido desde 2013. Representava quase 1/3 de todos os ocupados no setor (29,9%), em

2016, enquanto os com ensino superior eram 6,8%.

Já os ocupados com ensino fundamental incompleto, que, em 2011, eram quase a metade do total (47,3%), em 2016, representavam pouco mais de 1/3 (37,2%), redução de 10,1 p.p..

O grupo dos analfabetos, que equivalia a 5,0% dos ocupados, em 2011, passou a representar 4,1%, em 2015. Em 2016, não foi mais possível mensurá-lo.

TABELA 5
Distribuição dos ocupados na construção, segundo escolaridade
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção	Escolaridade				
		Analfabeto	Ensino fundamental incompleto (1)	Ensino fundamental completo+médio incompleto	Ensino médio completo+superior incompleto	Ensino superior completo
2011	100,0	5,0	47,3	19,3	23,8	4,7
2012	100,0	5,5	44,8	20,0	24,5	5,3
2013	100,0	4,9	45,9	20,0	23,9	5,4
2014	100,0	4,3	40,3	21,6	28,1	5,7
2015	100,0	4,1	38,8	22,1	29,0	5,9
2016	100,0	(2)	37,2	22,6	29,9	6,8

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade; (2) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

Nas divisões do setor, há diferenças de escolaridade média dos ocupados (Gráfico 9), na Região Metropolitana de São Paulo. Na Construção e Incorporação de Edifícios, os ocupados que tinham ensino fundamental incompleto eram 42,1% do total da divisão, com outros 22,6% com ensino fundamental

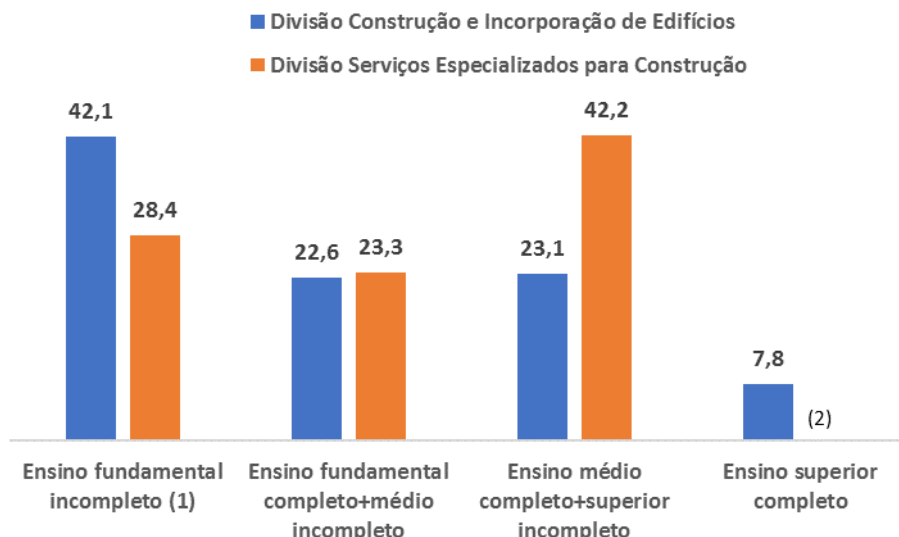
completo, 23,1% com médio completo e 7,8% com superior completo, em 2016.

Já nos Serviços Especializados para Construção, a maior proporção de ocupados tinha ensino médio completo (42,2%), depois fundamental incompleto (28,4%) e fundamental completo (23,3%).

GRÁFICO 9

Distribuição dos ocupados na construção, por escolaridade, segundo divisões do setor
Região Metropolitana de São Paulo – 2016

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade; (2) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

Por fim, em 2016, houve pequeno envelhecimento da população ocupada na Construção (Tabela 6), em relação a 2015. A proporção de trabalhadores com 60 anos de idade ou mais passou de 7,8% para 8,3%, enquanto a faixa dos 50 aos 59 anos passou de 17,0% para 18,5%.

Já a faixa dos jovens (16 a 24 anos de idade) continuou a ser reduzida, tendência

observada desde 2011. A proporção desse grupo no total de ocupados reduziu-se de 12,5%, em 2015, para 10,3%, em 2016, a menor da série.

A faixa dos 25 aos 29 anos e a dos 40 aos 49 anos pouco variou, e a faixa dos 30 aos 39 anos teve pequena elevação da proporção no total de ocupados do setor.

TABELA 6
Distribuição dos ocupados na construção, segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2011 a 2016

(em %)

Períodos	Total de ocupados no setor da Construção	Faixas Etárias						
		14 e 15 anos	16 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos e mais
2011	100,0	(1)	15,7	12,4	26,2	23,1	16,4	5,9
2012	100,0	(1)	15,4	11,8	25,7	23,1	18,0	5,8
2013	100,0	(1)	14,6	10,6	25,4	23,7	18,2	7,3
2014	100,0	(1)	13,4	11,8	25,3	25,1	17,0	7,3
2015	100,0	(1)	12,5	12,0	25,9	24,7	17,0	7,8
2016	100,0	(1)	10,3	11,8	26,3	24,8	18,5	8,3

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTb/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

Esta 1ª edição do Boletim Trabalho e Construção na Região Metropolitana de São Paulo mostrou o grau de deterioração do emprego no setor da construção em 2016. Pelo segundo ano seguido, os efeitos da crise econômica foram sentidos no nível de ocupação, na perda de rendimentos e no aumento da inserção precária no mercado de trabalho de um modo geral e também no setor da construção.

Nos últimos dois anos, houve redução de 122 mil postos de trabalho nesse setor, somente na região, sendo 63 mil em 2016. Apenas a indústria de transformação teve desempenho pior. Houve redução de vagas em postos de trabalho protegidos, isto é, com carteira de trabalho assinada, enquanto verificou-se aumento no contingente de trabalhadores por conta própria, com menor proteção dos direitos trabalhistas, e diminuição daqueles que contribuíam com a previdência social. Isto é, houve aumento da precarização nas relações de trabalho no momento atual e dificuldade futura para se conseguir a aposentadoria.

O rendimento médio do trabalhador na construção foi o que mais retraiu, na comparação com os demais setores, com redução de 14,0% em termos reais nos últimos dois anos, sendo que em 2016 a perda foi de 5,9%.

Essa situação de precarização se torna mais dramática quando se observa a proporção de chefes de família que estão no setor, ou seja, que têm maior responsabilidade no sustento financeiro em seus domicílios. Isto é, a deterioração das condições do trabalhador na construção acaba se espalhando para outras dimensões que não apenas econômicas, mas também sociais.

Para acompanhar informações do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego/DIEESE, para o setor da Construção, além deste Boletim, e de outros setores, há um amplo conjunto de indicadores disponibilizados de forma pública em: <https://www.dieese.org.br/analiseped/ped.html>